



DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA EJA

Edson Peixoto Andrade¹
Edilamara Peixoto de Andrade²
Pedro Amaral Sousa³

GT1 – Educação de Crianças, Jovens e Adultos.

RESUMO

O presente artigo objetiva identificar e analisar os fatores de sucesso ou fracasso relacionados à Educação de Jovens e Adultos (EJA). É um trabalho de pesquisa realizado em um município da Bahia que discute o ideário da EJA de qualidade, que seja capaz de superar o preconceito, incluindo pessoas e motivando vidas. O texto aborda a realidade do analfabetismo no Brasil e sua relação com a produção do fracasso escolar e questiona o fato da EJA estar atrelada à lógica da escola e ao paradigma compensatório os quais precisam ser superados quando se quer construir possibilidades de reinserção do sujeito na escola formal por meio do acolhimento de suas demandas, através de uma mediação adequada que adote atitudes facilitadoras as quais sejam engendradoras de sucesso do aluno e qualidade de educação.

Palavras-Chave: Educação; EJA; motivação; inclusão.

ABSTRACT

This article aims to identify and analyze the success or failure factors related to Youth and Adult Education (EJA). It is a research project carried out in a municipality in Bahia that discusses the idea of the quality EJA, which is capable of overcoming prejudice, including people and motivating lives. The text addresses the reality of illiteracy in Brazil and its relation with the production of school failure and questions the fact that EJA is linked to the logic of the school and the compensatory paradigm, which need to be overcome when one wants to build possibilities for reintegration of the subject in school formal through the reception of their demands, through an appropriate mediation that adopts facilitating attitudes that are engenderers of student success and quality of education.

Keywords: Education; EJA; motivation; inclusion.

¹ Mestre em Filosofia pelo PPGF/UFS, especialista em Metodologia do Ensino da História e da Geografia, licenciado em História pela Universidade de Uberaba, Bacharel em Psicologia pela Faculdade AGES, membro do GefilUFS (Grupo de Estudos de Filosofia da Linguagem da UFS), professor da Educação Básica no município de Paripiranga/BA. edsonpsique@yahoo.com.br.

² Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe, especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Inglesa, licenciada em Letras pela Faculdade AGES, advogada, membro do GefilUFS (Grupo de Estudos de Filosofia da Linguagem da UFS). dilapa@bol.com.br.

³ Prof. Esp. em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Inglesa, pedagogo pela AGES, licenciado em Letras Português/Inglês pela UNIT, bacharel em Direito pela Faculdade AGES, professor da Educação Básica no Estado de Sergipe e no Município de Paripiranga/BA. pedroamaralpv@hotmail.com.



1 INTRODUÇÃO

Pensar a educação é sempre algo complexo e as opiniões sobre o assunto, na maioria das vezes, são divergentes. Até parece que todas as pessoas, independente do seu nível ou área de formação teria uma obrigação de se posicionar em questões educacionais considerando-se o grande número de palpites que se dá nesse contexto, no entanto, a educação é algo sério e não pode ser entendida à luz do senso comum. Faz-se necessário um olhar sistêmico lançado sobre a mesma, que considere todos os aspectos com ela inter-relacionados e que possa, desse modo, contribuir com novos olhares capazes de enfrentar e superar as suas dificuldades.

No que se refere à Educação de Jovens e Adultos (EJA), é importante a reflexão sobre o assunto a fim de que, as especificidades dessa modalidade de ensino não sejam desconsideradas quando da sua prática. Partindo de tais pressupostos, o presente artigo decorrente de pesquisa de campo aplicada em uma escola que oferta a EJA em um município do Estado da Bahia, objetiva analisar aqueles aspectos que contribuem com o sucesso ou fracasso do aluno dentro do referido contexto educacional, analisando a realidade de analfabetismo no Brasil e as estratégias de enfrentamento, dentre elas, a Educação de Jovens e Adultos com suas especificidades curriculares e metodológicas, discutindo sobre o acolhimento do aluno e o papel de mediação do professor.

A pesquisa partiu da observação de muitos alunos com histórico de fracasso escolar, os quais, quando chegaram à EJA, modificaram suas atitudes e melhoraram o rendimento e o comportamento o que levou o pesquisador a levantar algumas hipóteses sobre a relação existente entre o nivelamento das idades, a linguagem da EJA e a simplificação dos conteúdos e o grau de motivação dos alunos no sentido de levá-los a enxergar a possibilidade de concluir os estudos como algo concreto. Assim, as questões que foram levantadas na pesquisa dizem respeito àqueles fatores que, na EJA, favorecem esse novo olhar para si e para os estudos, de forma positiva, gerando ganhos para o sujeito e para a comunidade escolar como um todo. Por outro lado, os diálogos informais, as entrevistas semi-estruturadas e a observação dos alunos e professores contribuíram muito para o presente estudo corroborando com a ideia de que é possível construir uma educação de jovens e adultos de qualidade, superando o preconceito, incluindo pessoas, motivando vidas.



2. A PROBLEMÁTICA DO ANALFABETISMO NO BRASIL

Ao se falar em Educação de Jovens e Adultos, algo que tem de ser levado em consideração é a questão do analfabetismo no país que impõe dificuldades no que tange ao desenvolvimento econômico e social e que, na visão de Haddad (2000) não pode ser considerado como algo do passado ou mesmo como um problema simples que, com o passar do tempo será solucionado sem demandar maiores intervenções. Para o autor, o problema do analfabetismo é uma questão muito complexa, que deve ser compreendido como fenômeno engendrado no momento presente da sociedade e que, por sua vez, exige a adoção de políticas públicas “consistentes, duradouras e articuladas a outras estratégias de desenvolvimento econômico, social e cultural” (HADDAD, 2000, p.31).

Percebe-se que, mesmo nos tempos atuais em que o avanço tecnológico apresenta novas possibilidades de produção e comunicação entre pessoas e grupos, grande número de pessoas ainda passam à distância da educação formal e isso se dá por vários motivos: incompatibilidade entre a necessidade de trabalhar e as rotinas escolares, falta de perspectiva no que tange a um futuro construído sob o viés da educação formal, dificuldades de aprendizagem que promovem inúmeras repetições de séries, distorção idade/série, rotulações que se fazem na história escolar do sujeito e que, muitas vezes, promovem aquilo que se tem por “fracasso escolar” (PATTO, 2010), enfim, uma série de fatores que de forma integrada atuam para agravar o índice de analfabetos no país ou mesmo, de “analfabetos funcionais” (RIBEIRO, 2002) que são aqueles que, embora dominando os rudimentos da linguagem escrita não conseguem fazer articulações, construir pensamento crítico, se posicionar diante da sociedade de forma autônoma.

Partindo de tais pressupostos, tem-se que, o problema do analfabetismo ainda não fora superado e se apresenta como algo que deve, de forma articulada, ser combatido em suas bases. Para que isso ocorra, é preciso compreender a sua produção social. Ao postular sobre isso, Haddad (2000) entende que, dentre todos os fatores de produção social do analfabetismo que são construídos sob a mediação do sistema escolar formal é preciso considerar, de modo inicial a questão do acesso e da permanência na escola durante a infância e adolescência. Embora se fale muito, nos últimos tempos em educação para todos, sabe-se que, principalmente nos grandes centros urbanos, o acesso à educação não é facultado a grande



parcela da população e mesmo quando há acesso, as condições de permanência não são asseguradas, o que, para Luckesi (1995) se apresenta como o grande desafio da educação em nossos tempos. A questão da reprovação, evasão e reingresso no sistema escolar também se apresenta como problemática no que tange ao analfabetismo no país, resultando “em acentuada defasagem na relação idade/série ideal. Também nesse caso observa-se um diferencial negativo para os estudantes do sexo masculino”(HADDAD,2000.p.32)

Dito isso, tem-se que, somente considerando o problema a partir de uma concepção multicausal é que se pode construir estratégias de superação que sejam eficazes em suas bases e capazes de promover novas realidades no que tange à superação do analfabetismo e à construção de uma educação de qualidade.

3.O FATOR MOTIVAÇÃO NA EJA

Quem é professor, certamente compartilha da mesma sensação de fracasso quando se propõe construir algo com os alunos e se depara com a desmotivação dos mesmos, com o descaso que eles demonstram para com as propostas apresentadas e mesmo, o descompromisso com aquilo que é assumido enquanto grupo. O que fazer diante disso é a grande questão que é lançada pelos educadores e para educadores. Decerto, não existem fórmulas mágicas para a resolução das questões relativas à educação, no entanto, refletir sobre a realidade pode levar os educadores a um reencontro fundamental com os fatores inerentes à própria constituição subjetiva do humano que exige que o ser esteja mobilizado internamente a fim de, enfrentar os desafios propostos e dar respostas positivas às solicitações que lhe são dirigidas. Esta motivação, certamente, é a chave de tudo, quando se quer promover uma educação de qualidade que leve o aluno a permanecer e a aprender, de fato.

Se cada um parar para escutar as histórias dos educandos, principalmente daqueles que estão na EJA irá se deparar com situações de abandono da instituição escolar por diversos motivos, no entanto, uma síntese que, certamente poder-se-ia fazer dos mesmos iria levar à constatação de que, na gênese de toda experiência de fracasso escolar estará, em maior ou menor grau, a questão da desmotivação. Nesse sentido, faz-se importante então, voltar à Paulo Freire quando ele diz que “a educação deve ter uma pitada de “sonho”. Sonho de fazer a história que cada um idealizou para o futuro: uma história de possibilidades, mais democrática e pluralista, onde não há autoritarismo e sim humanismo(2001,P.17). O que se deve pretender na escola, quando se quer, de fato, mobilizar as forças internas do sujeito para com a educação



formal, é que ele seja capaz de pensar a si próprio, tocar aquelas áreas da sua vida que dizem respeito a seus sonhos e ideais e se preparar para seguir em direção a estes. Aqui está o centro de toda atividade educativa. Pensar as coisas sob esses prismas equivale, em alguns casos, a perceber a distância entre o que é ideal, no tocante à educação e aquilo que, de fato, se propicia aos alunos nos espaços formais de aprendizagem. Em outras palavras, tem-se que a escola precisa abandonar sua postura autoritária, disciplinadora e silenciadora do sujeito para ser espaço de construção da autonomia, da vontade de viver, do enfrentamento pessoal das próprias questões.

No que tange à EJA, a distância acima aludida fica bem transparente. Segundo Soglia as escolas que ofertam a Educação de Jovens e Adultos “muitas vezes encontram dificuldades para compreender as particularidades desse público” (2008,p.11), entendendo que, da compreensão dos motivos que os levaram, no passado, ao abandono da escola formal e as motivações que estão envolvidas nesse retorno presente “são informações preciosas. [...] Deixá-los escapar leva à inadequação do serviço oferecido e a um processo de exclusão que, infelizmente, não será o primeiro na vida de muitos desses alunos”(idem, 2008, p.11).

Outro aspecto que precisa ser considerado no que tange à motivação é a relação que deve ser estabelecida a todo momento nos espaços formais de aprendizagem entre aquilo que se aprende e a sua aplicabilidade na vida. E isso não deve ser entendido apenas como uma transposição didática dos conteúdos escolares para a vida, mas sim em termos de procurar, como diz Soglia, “inculcar nos educandos a importância da educação para a sua formação pessoal, social e política. (2008,p.5). Nesse contexto, faz-se necessário perceber o currículo para além dos seus aspectos legais, obrigatórios e sim, como instrumento à serviço de uma educação que se proponha construir visões críticas e participativas por parte do aluno, principalmente quando se trata de Jovens e Adultos. Mais do que aprender as fórmulas das disciplinas e conseguir aprovação do semestre, o aluno da EJA deve ser instigado a participar das aulas pela aula mesma, isto é, pelo fato de se identificar com os conteúdos, conseguir aplicar o que se reflete na sala de aula em sua própria experiência e assumir, aos poucos, um novo olhar sobre a vida e sobre o mundo. Tais ideários, na visão de Soglia (2008) destoam da realidade quando se considera que, além da inexistência de uma preocupação em termos de currículo com a formação do sujeito crítico como sendo a mola propulsora da EJA, verifica-se que a educação ofertada centra-se num currículo elaborado para crianças e adolescentes, o que vai de encontro ao que é estabelecido nos documentos regimentais dessa modalidade e se apresenta como fator contrário à motivação do sujeito para com a educação formal.



Outro fator que se apresenta como empecilho no que tange à mobilização da escola como um todo a fim de, construir uma educação de jovens e adultos de qualidade e que seja motivadora para a permanência do aluno é, no dizer de Pierro (2005) a questão do “paradigma compensatório” que acabou por “enclausurar” a EJA dentro dos rígidos moldes da escolarização de crianças e adolescentes de modo que, o que se tem na EJA é um conjunto de referências curriculares, metodológicas, de tempo e de espaço que não fazem referência ao estágio de vivência da clientela da EJA e que, por outro lado, interpõem obstáculos à necessária flexibilização da organização escolar para que se possa atender às demandas específicas desse grupo que participa da EJA. Entende-se que, sem algumas flexibilizações não se tem como garantir a permanência, o aprendizado e o sucesso do aluno da EJA. Para Streck o grande problema que a EJA enfrenta advém do fato de que ela foi incorporada àquilo que chamou de “lógica da escola, pressupondo a rigidez curricular, relações pedagógicas verticais e desconexão com a realidade local” (2011,p.17). Enfrentar a referida lógica e transformá-la é tarefa difícil, no entanto, basilar para que a EJA possa assumir seu papel relevante na sociedade, conseguindo motivar os alunos e assim, possibilitar novos olhares para a vida e para o mundo, construindo autonomia e espaços de liberdade.

Como fatores de motivação para o retorno à escola Delors (2001) apresenta dois aspectos: o primeiro deles diz respeito às mudanças ocorridas na sociedade por conta da globalização o que leva o sujeito a perceber que não existe possibilidade de inserção no mercado de trabalho sem uma adequada escolarização. Por conta disso, aquilo que, para muitos no passado, era tido como algo importante mas não prioritário, se apresenta, na atual conjuntura da sociedade, como indispensável para a ascensão pessoal. Todas as coisas mudam rapidamente e sem um nível adequado de escolarização o sujeito percebe que não dá conta de atender às demandas que se apresentam, por isso, o retorno à escola se torna indispensável. Por outro lado, o desejo de realização pessoal também se apresenta como fator motivador para o retorno aos estudos. Segundo Delors “ninguém pode pensar adquirir, na juventude, uma bagagem inicial de conhecimentos que lhe baste para toda a vida, porque a evolução rápida do mundo exige uma atualização contínua dos saberes” (2001, p.103), desse modo, quando retornam aos estudos, os sujeitos pretendem conquistar aqueles conhecimentos que no seu momento pessoal, são importantes para a consecução daqueles objetivos que traçara para sua vida. De acordo com Souza “ao escolherem o caminho da escola, os jovens e os adultos optam por uma via propícia para promover o seu desenvolvimento pessoal. (2010,p.2)



Para que o retorno à escola, por outro lado, não seja frustrante para o sujeito e assim, ele possa permanecer e se desenvolver, é importante que o ambiente escolar possa ser transformado no intuito de acolher esse aluno que retorna cheio de curiosidades e que vai para a sala de aula desejoso por fazer novas experiências e que, portanto, necessita de aulas interativas, que propiciem a criatividade e a reflexão ao tempo em que sejam fáceis e participativas entendendo que, o grande objetivo da EJA não deve ser o de matricular o maior número de alunos mas, a sua permanência na escola (SOUZA,2010) e uma permanência com qualidade, tornando-o reflexivo, crítico e participativo em prol da transformação da sociedade.

4. EJA: CONCEPÇÕES, CURRÍCULO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

As grandes transformações na educação são efeitos diretos de reflexões sistemáticas que se fazem no que tange às concepções que se possui sobre o fazer pedagógico, as objetividades para com o ato educativo e a visão de homem e de mundo que se quer construir. Da maneira como o ato educativo é enxergado depende, em parte, a eficácia ou não de suas práticas. Pensar, a partir de tais paradigmas, sobre o que se deve fazer para que a Educação de Jovens e Adultos possa cumprir a sua função social exige, naturalmente, que se passe a refletir sobre as concepções que norteiam essa modalidade de ensino uma vez que, nem sempre há uniformidade nos objetivos propostos pelos educadores para qualquer modalidade de ensino. O que determinado grupo postula sobre a postura que se deve adotar para com esse ou aquele ato educativo, nem sempre, é determinante de toda prática semelhante e isso ocorre pelas diferenças que existem entre as pessoas, concepções, objetivos e metodologias empregadas no fazer pedagógico.

No que tange à EJA, os estudos apontam para duas direções pedagógicas que, por sua vez, são decorrentes de concepções diferentes. A primeira concepção, conhecida como tradicional ou instrumental é aquela em que o aluno é considerado como alguém que necessita de conhecer a realidade por via de transmissão. Nessa concepção, entende-se a aprendizagem como efeito de armazenagem de conhecimentos, o que só pode ser feito mediante a instrução e a transmissão dos conteúdos que são considerados úteis para o homem, independente da relação que se possa estabelecer entre estes e a realidade dos alunos. Em tal concepção, há uma relação vertical entre professores e alunos. Os professores são percebidos como aqueles que detêm o saber, o qual é transmitido através de metodologia expositiva na qual os alunos



permanecem calados, apenas ouvindo o professor falar. A outra concepção seria aquela denominada de Pedagogia Sociocultural, na qual existe uma busca de favorecimento da interação entre o homem e o mundo levando a educação a assumir uma função crítica e emancipatória (SILVA & VILLA, 2008), tão indispensável para a sociedade e de modo especial, para todo e qualquer trabalho nos moldes da EJA. Nesse sentido, é importante discutir a respeito de alguns temas basilares para a construção desse ideário de educação.

O primeiro aspecto que urge ser levantado é a questão curricular. Para Streck (2011) o currículo para a EJA deve estar fundamentado em três eixos norteadores, a saber, aqueles conteúdos considerados básicos para a aprendizagem, os quais dizem respeito à realidade natural e cultural onde o sujeito está inserido, contribuindo assim para a sua autonomia, entendendo que, se a escola não consegue fornecer as noções básicas das coisas para os alunos, ela contribui para a exclusão do mesmo (SAVIANI, 2003). O segundo eixo, de acordo com Streck (2011) seria o dos conteúdos tidos como instrumentais, os quais, por sua vez, expressam as diferentes linguagens verbais, artísticas e matemáticas. E, por fim, ter-se-ia o eixo dos conteúdos operativos, que seriam aqueles a convocar os alunos “a construir alternativas de intervenção na sua própria realidade”(STRECK, 2011,p.11). Um currículo que não contempla os três eixos perde o sentido da EJA e, certamente, não consegue contribuir para a construção da visão crítica e emancipatória por parte dos alunos, o que se apresenta como basilar para a Educação de Jovens e Adultos. Nesse sentido, percebe-se a importância do hábito de leitura por parte dos alunos, o que deve ser central na ação pedagógica da EJA.

A partir de tais ideários entende-se que,

Sem a aquisição do hábito da leitura dificilmente estes alunos terão desejo de educar-se por mais tempo, além de interferir na aprendizagem de outras disciplinas, como por exemplo, a matemática que exige, antes de tudo, a interpretação de dados. É fundamental que se ofereça condições para que ocorra uma educação emancipatória, atendendo às necessidades específicas desses sujeitos e procurando formar cidadãos críticos, participativos e conscientes de seus direitos, para que estes lutem pela efetivação das leis estabelecidas não somente para a educação, mas também pelos direitos à saúde, à moradia, à segurança, ao lazer e a tudo o mais que o sujeito necessita para ter uma vida íntegra e feliz (SOGLIA, 2008, p.10).

Se por um lado, conforme evidenciado anteriormente, a EJA precisa acolher todos os alunos de modo que o retorno destes à educação formal não seja frustrante, considerando que esse acolhimento significa construir uma linguagem própria de tratamento do educando e de aproximação destes com os conteúdos formais de ensino, por outro lado, a referida modalidade não pode ser facilitadora no sentido de negligenciar a tarefa basilar de construção



do conhecimento com o aluno e para o aluno entendendo que, só existe aprendizagem efetiva quando as competências básicas para a apropriação do conhecimento são adquiridas. Nesse sentido, entende-se que não há necessidade de transmitir todos os conhecimentos mas, é fundamental que aquilo que é basilar seja, de fato, compreendido, assimilado, assumido pelos alunos. Assim, é importante revisitar o programa de alfabetização proposto por Paulo Freire no qual, segundo Matos “havia a preocupação de que o método envolvesse estratégias de ensino “com” o homem, e não “para” o homem” (2008,p.6). em tais contextos, existia “a valorização do ser humano que aprende como alguém que já traz uma bagagem de experiências, e não como alguém ignorante (idem, 2008, p.6). Partia-se da leitura do mundo para a leitura da escrita. De modo particular, iniciava-se o trabalho a partir, da leitura do mundo feita pelo homem, que ali estava para aprender. É dessa pedagogia que se fala quando se diz que a EJA não pode ser negligente com aquilo que precisa ser ensinado, nem tampouco, displicente com o tempo do aluno, com seu ritmo e suas formas de aprendizagem.

Essa interação entre o aluno que lê o mundo e a escola que ensina a leitura escrita equivale ao que postula Nadal quando afirma que, “enquanto interlocutor, o aluno deixa de ser visto como aquele que somente escuta para ser o sujeito que troca com o professor, que participa, que ouve e também é ouvido.” (2007, p.23),

Outro aspecto fundamental para as práticas pedagógicas desenvolvidas na EJA lograrem êxito é o que diz respeito ao papel do professor mediador.

De acordo com Nóvoa (2002) existem três pressupostos que estão imbricados na complexidade do ensinar: o primeiro deles indica que o trabalho do professor depende, em grande parte, da colaboração do aluno. Só há aprendizagem, quando o aluno participa ativamente do processo. O segundo aspecto diz respeito às emoções considerando-se que, na sala de aula estabelecem-se relações variadas e que estas geram emoções que podem ser fatores facilitadores da aprendizagem ou agirem no sentido de dificultar o processo.

A escuta de tantos alunos que abandonaram os estudos pode corroborar o que aqui vai sendo dito, uma vez que, não são raros os casos daqueles que abandonam o processo de educação formal por conta das cobranças, exigências, regras impostas, as quais geram emoções disfuncionais que incorrem no abandono dos estudos por parte de muitos.

De acordo com Veiga, “para o professor concretizar seu ato de ensinar de forma satisfatória, o vínculo afetivo é uma dimensão indispensável, uma vez que as emoções, interesses pessoais, sonhos permeiam toda a relação pedagógica” (2006, p.24). O terceiro aspecto destacado por Nóvoa (2002) se refere ao cumprimento dos objetivos que devem ser



seguidos pela educação formal. Nesse sentido, percebe-se que, o ensinar é muito mais do que cumprir regras, preencher formulários, trabalhar conteúdos, mas, “envolve a sensibilidade do professor, principalmente o da EJA, em acolher esses educandos em suas diversidades, respeitando-as e valorizando-as, a fim de que esses alunos possam se sentir realmente como membros participantes da comunidade escolar” (MATOS, 2008, p.10). Pensar as coisas nesses moldes equivale ao que dizia Paulo Freire quando se referia a quebrar a “cultura do silêncio” (FREIRE, 2000) a fim de possibilitar que os alunos possam falar e ser ouvidos. Somente dessa forma a EJA e a escola como um todo deixará de ser espaço de produção x reprodução para se tornar espaço de construção coletiva, de vivência da cidadania e de promoção da autonomia dos sujeitos, evitando novos fracassos escolares e potencializando aquilo que o aluno tem de melhor.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa, que aconteceu no segundo semestre do ano letivo de 2014, se deu através da observação de alunos e professores por meio de entrevistas semiestruturadas com o objetivo de verificar as hipóteses levantadas bem como, através de aplicação de questionário a dez alunos do Ensino Fundamental na modalidade EJA, sendo oito meninos e duas meninas.

A escolha dos alunos se deu de modo aleatório. Os entrevistados estavam na faixa etária entre 16 a 35 anos e a grande maioria cursava o oitavo e nono ano. Apenas dois alunos estavam matriculados, no momento da entrevista, no sexto ano do Ensino Fundamental. A aplicação se deu com a entrega das fichas para os alunos, que responderam de forma individual às perguntas. Em caso de dúvida, o pesquisador era acionado. No momento da escolha dos alunos estes eram consultados a respeito da sua concordância em participar da pesquisa ao tempo em que eram informados da metodologia e objetivos do trabalho. No caso das observações, estas aconteceram com a anuência dos professores, através da participação das aulas onde o pesquisador, procurou adotar uma postura de colaboração com os alunos e professores, participando de algumas atividades propostas ao tempo em que lançava olhar diferenciado para as diversas relações que se processavam no ambiente escolar e que se davam entre professores e alunos, dos alunos entre si ou mesmo, destes com as disciplinas e atividades a serem desenvolvidas na sala de aula. As entrevistas semiestruturadas aconteceram nos momentos de transição das aulas mediante o convite lançado a alguns alunos, de forma aleatória, para que falassem livremente de suas experiências com a EJA



estabelecendo, sempre que possível, relações entre os processos que se dão nessa modalidade e aqueles vivenciados com o ensino regular. O questionário continha treze questões as quais versavam a respeito da vida escolar do aluno, sua trajetória até chegar à EJA, as diferenças em termos de rendimento e aprendizagem e os fatores que dificultavam ou favoreciam o aprendizado dentro do contexto de EJA. A pesquisa, do ponto de vista ético, encontra-se dentro dos padrões uma vez que os entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

No que tange ao tempo de experiência com a modalidade de Educação de Jovens e Adultos tem-se que 70% dos entrevistados participavam de 1 a 2 semestres da EJA, 10% estavam na modalidade a três semestres e 20% estavam na EJA de quatro semestres a mais, isso deu ao levantamento a capacidade de verificar as diferentes impressões que sujeitos com quantidade de tempo diferenciados possuem da modalidade.

Quando se pergunta sobre a quantidade de escolas que os alunos já haviam frequentado antes de ingressar na EJA, os dados são alarmantes: mais de 70% dos entrevistados afirma já terem passado por quatro ou cinco escolas, o que denota um histórico de fracasso escolar (PATTO,2010) evidenciado. O mesmo se dá quando se questiona sobre experiências de reprovação escolar em que, de todos os entrevistados, apenas um diz que nunca reprovara em sua vida escolar. Ao serem questionados sobre os motivos da reprovação, apresentam respostas variadas como dificuldade de estudar durante o dia por conta dos estudos, dificuldades de aprendizagem, falta de interesse e motivação, falta de atenção.

Esses dados corroboram com Soglia (2008) quando afirma que a EJA é um passo importante na vida do sujeito que dá a si próprio uma nova chance ao retornar à escola. Desse modo, se tal retorno não for bem acolhido, se a escola não estiver aberta para acolher a demanda desses que retornam, a experiência de regresso pode ser frustrante e o fracasso será evidenciado. Esse acolhimento, no entanto, não pode ser visto como adoção de atitudes maneiristas, que não ofertam ao sujeito a possibilidade de aprender aquilo que será básico para a sua convivência com o mundo letrado, mas, por outro lado, a escola precisa construir atitudes facilitadoras que motivem o aluno a nela permanecer com sucesso e produtividade.

Quando a pergunta se refere à experiência de reprovação na EJA, daqueles que já tinham experiências em semestres anteriores com a modalidade e que, portanto, estavam aptos a responder, metade diz que já reprovou e apresentam como alegações para o fato de terem sido reprovados a recusa em fazer as avaliações, a perda de vontade de estudar ou mesmo, a falta de interesse em estudar. A justificativa daqueles que disseram não ter reprovado na EJA



se apresenta em termos de que “agora (na EJA) estou estudando”(Aluno, masculino, 5) ou ainda “agora estou mais interessado em estudar”(Aluno, masculino, 7). O número de aprovações é significativo quando se considera a quantidade de escolas pelas quais esses alunos já passaram e mesmo, a quantidade de alunos que disseram já haver reprovado alguma vez na vida.

A questão da aprovação é percebida aqui, como fundamental para a motivação dos alunos uma vez que, se no momento em que eles estão voltando ao mundo formal dos estudos não encontrarem o apoio necessário por parte da instituição como um todo no sentido de superar as antigas deficiências que os empurravam à reprovação, não terá sentido falar em Educação de Jovens e Adultos. Por outro lado, quando eles percebem que agora conseguem aprender, se motivam a ir adiante nos estudos. Isso fica claro quando se analisa os dados relativos ao rendimento dos entrevistados antes e depois da EJA. No primeiro caso, nove entrevistados classificam o rendimento nas escolas anteriores como bom ou regular e apresentam como justificativas das respostas o fato de não prestar atenção durante as aulas, as amizades que acabam atrapalhando os estudos, a dificuldade em acompanhar o ritmo de estudos, a falta de interesse, dentre outras coisas. Notável a comparação que um dos entrevistados faz ao dizer “na outra escola eu não era como sou agora na EJA”. (Aluno, masculino, 2) Quando a pergunta se refere ao rendimento na EJA, 60% classificam-no como ótimo, 20% bom e apresentam como motivos para isso o fato de que na EJA os professores explicam melhor as atividades sendo que isso ajuda no desempenho. Um aluno afirma que nessa modalidade está “conseguindo evoluir” (Aluno, masculino,2). Dizem também que, na EJA a pessoa aprende a cada dia. Significativa a contribuição de um aluno que participou de uma das entrevistas. Ele estava no sétimo ano e era o primeiro semestre na modalidade. Quando o pesquisador pede que estabeleça um paralelo entre as suas experiências na escola anterior e as que vive na EJA diz:

[...]lá não podia estudar todos os dias e aqui consigo. Considero que aqui é melhor porque tenho mais tempo livre pra estudar e mais paciência pra aprender. No dia é mais complicado. À noite você fica por dentro do conteúdo por que você vai pra a escola todos os dias (J.S, 19 anos).

Quando se questiona aos alunos se houve melhorias no quesito notas, 90% dizem que sim, justificando pelo fato de que o conteúdo é mais fácil, que se aprende mais, ou



mesmo, que se estuda mais. Um entrevistado diz: “na EJA temos menos tempo de permanecer na escola, por isso, se aprende mais, de forma mais rápida”. (Aluno, masculino, 8)

Bastante elucidativa é a fala de um dos alunos: “o estudo na EJA é bem mais simples e próximo da prática”(Aluno, feminino, 1) o que corrobora com Soglia (2008) quando questiona o currículo da EJA, o qual precisa se diferenciar daquele aplicado a crianças e adolescentes. O aluno, nesse aspecto, precisa ser conquistado pela proposta curricular em si. Os conteúdos tratados precisam ser convidativos à vida escolar.

Nesse contexto, duas situações são elucidativas. Uma delas foi observada durante uma aula de geografia no oitavo ano, cujo conteúdo era economia brasileira e desigualdade social. Durante as aulas, alguns alunos passaram a apresentar perguntas diversas a respeito de termos que ouviam nos noticiários, mas não entendiam bem, como por exemplo, bolsa de valores, inflação, variação cambial, alta ou baixa do dólar etc. O professor, ao longo da aula, seguia refletindo com os alunos, ajudando-os a encontrar as respostas. Ao final, um dos alunos falou: “a aula de hoje foi muito boa. Toda vez que a gente participa e tira as dúvidas para a nossa vida, a aula fica muito boa”(L.S.T, 28 anos, 8º ano).

A segunda situação aconteceu numa aula de português do sexto ano. A professora havia levado a proposta de um texto que falava sobre violência, pobreza e outros assuntos. Assim que começaram a discutir o texto, um dos alunos começou a falar sobre sua experiência com drogas e assim, toda a aula transcorreu em torno da temática das drogas, com muitos alunos perguntando coisas uns aos outros ou contando experiências. Decerto haviam aqueles que estavam desligados do contexto da aula, mas de modo geral, percebeu-se quão produtivo foi aquele momento para a vida daqueles jovens e adultos. Ao final, a professora comenta com o pesquisador: “na EJA a gente se transforma porque aqui tem de tudo um pouco e precisamos estar preparados para acolher a todos (J.E. docente da EJA).

Todos os entrevistados dizem que a sua aprendizagem melhorou depois que entrou na EJA. Destaque para a resposta de dois alunos no que tange ao que contribui para a aprendizagem na EJA: “aqui não é mais complicado como no outro Colégio. Tem mais facilidade de aprender”, (Aluno, masculino, 5) o que corrobora com o que diz Streck (2011) quando critica o fato de, em muitos lugares, a EJA haver adentrado na “lógica da escola” postulando que essa modalidade precisa ser diferente justamente por conta da diversidade do seu público. Outro aluno diz: “aqui na EJA minha aprendizagem mudou. Mudou também o modo de ensinar né. Lá na outra escola os professores ensinavam com cara feia” (Aluno,



feminino, 4) o que levanta a questão do acolhimento e do diálogo que deve existir entre alunos e professores.

Os alunos falam que a EJA contribui em sua aprendizagem em termos de motivação: “aqui a gente aprende que se pode ter uma vida melhor em todos os sentidos”(Aluno, masculino, 10) e “percebo que tenho o futuro na minha mão”(Aluno, masculino, 5); curiosidade “nas aulas sempre se aprende coisas novas” (Aluno, masculino, 10) ou ainda, “ a cada dia a gente aprende mais um pouquinho”(aluno, masculino, 6); atitudes facilitadoras para proporcionar maior aprendizagem: “as atividades que os professores passam ajudam a aprender”(Aluno, masculino, 6) ou ainda: “aqui é mais fácil de aprender”(Aluno, masculino,7).

Falam da sua rotina diária em termos de correria e agitação e dizem que, por conta do tempo, geralmente não conseguem estudar em casa, apenas na escola, o que levanta a questão da adequação da escola ao ritmo diário dos alunos a fim de, proporcionar novas experiências com a vida escolar formal.

No que tange às dificuldades de aprendizagem colocam a disciplina de português, principalmente no que se refere à leitura, como o mais difícil e consideram fáceis as demais disciplinas. Um dos alunos diz: “o mais fácil é ciências. Interajo mais, tenho mais ideias [...] O que penso, na hora dos deveres é alguma coisa que dá certo” (Aluno, masculino, 8) o que levanta a questão da aproximação que deve existir entre o conteúdo formal e a linguagem utilizada para o trabalho em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES

O trabalho na EJA longe de ser isento de problemas, é uma experiência que poderá dar certo desde que o aluno seja considerado em sua individualidade e toda a proposta seja construída em torno da realidade diversificada do mesmo. Desse modo, pode-se pensar que, não é possível a construção de uma educação de qualidade em termos de EJA se toda Rede Escolar não estiver voltada para construir uma proposta que seja condizente com a inclusão do aluno, com o acolhimento efetivo de suas demandas e um trabalho sistemático com sua realidade.

A partir dos estudos feitos e dos dados levantados na pesquisa é possível afirmar que existem alguns pressupostos que a Educação de Jovens e Adultos precisa assumir quando se propõe a ser eficaz em suas bases metodológicas. Por outro lado, observa-se que, apesar de



todas as dificuldades que são inerentes à educação no país, é possível obter sucesso nessa modalidade de educação, desde que os passos que são sublinhados nesse estudo e em tantos outros semelhantes, sejam seguidos.

Por fim, entende-se que educação não é coisa de uma pessoa só. Ela se faz em conjunto. Só há educação quando o sentido da comunhão está bastante claro para todas as pessoas envolvidas. É nesse contexto que se pensa em uma Educação de Jovens e Adultos que, feita em parceria com todos os agentes da sociedade, contribua para aumentar a autoestima das pessoas, diminuir o preconceito e a exclusão e, sobretudo, acolher a diversidade.

REFERÊNCIAS

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. Educação de adultos: algumas reflexões. In: GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. **Educação de Jovens e Adultos: teoria, prática e proposta**. 4ª ed. São Paulo: Cortez Instituto Paulo Freire, 2001.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 14.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HADDAD, Sergio; DI PIERRO, Maria Clara. **Aprendizagem de jovens e adultos: avaliação da década da educação para todos**. São Paulo em perspectiva, 14 (1), 2000. vol.14, n.1, pp. 29-40. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392000000100005>. Acesso em 24 mar.15.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação e aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1995

MATOS, Marilélia do Rocio Milléo. **Educação de Jovens e Adultos: uma prática educativa na diversidade**. Curitiba: Governo do Paraná, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1559-8.pdf>. Acesso em 31 de jan.15.

NADAL, B.G.; RIBAS, M.H. **A dinâmica do ensino-aprendizagem na sala de aula**. Ponta Grossa: UEPG/CEFORTEC, 2005.

NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

PIERRO, Maria Clara Di. **Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 92, p. 1115-1139, Especial - Out. 2005 1135. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 05.05.2010.



RIBEIRO, Vera Masagão; VÓVIO, Claudia Lemos; MOURA, Mayra Patrícia. **Letramento no Brasil: alguns resultados do indicador nacional de analfabetismo funcional**. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 49-70, dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13931.pdf>. Acesso em 18 mar.15

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. -8.ed.- revista e ampliada – Campinas, SP: Autores Associados, 2003. – (coleção educação contemporânea).

SILVA, Camila Pompeu da; VILLA, Vivian. **Teoria e prática da Educação de Jovens e Adultos no Brasil e a formação dos professores**. Curitiba: PUCPR, 2008. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/545_207.pdf. Acesso em 21 de mar.15.

SOGLIA, Ioneide Sales; SANTOS, Cleide Selma Pereira dos. **Educação de Jovens e Adultos: expectativas e dificuldades**. Jequié: UESB, 2008. Disponível em: <http://www.uesb.br/eventos/semanapedagogia/anais/60CO.pdf>. Acesso em 28 de fev.15

SOUZA, Kézia Costa de; CUNHA, Nathan da Silva. **Perfil dos alunos de Educação de Jovens e Adultos de Teresina**. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2010. Disponível em: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.19/GT_19_03_2010.pdf. Acesso em: 21 de mar. 15.

STRECK, Danilo R.; SANTOS, Karine. **Educação de Jovens e Adultos: diálogos com a Pedagogia Social e Educação Popular**. EccoS Revista Científica, núm. 25, enero-junio, 2011, pp. 19-37 Universidade Nove de Julho. São Paulo, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/715/71521708002.pdf>. Acesso em 21 de mar.15.

VEIGA, I.P.A. et al. **Lições de didática**. São Paulo: Papyrus, 2006.